

[LIVRO ILUSTRADO]

A JORNADA DE JOSEFA

Gabriela Szabo

Ilustrações Nilce Paiva

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**

KAN
editora

A JORNADA DE JOSEFA

A JORNADA DE JOSEFA

Gabriela Szabo

Ilustrações Nilce Paiva

Copyright © Gabriela Szabo
ISBN 978-65-86198-58-4
Londrina – PR
1ª Edição

Editora Kan

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ImagemPalavra

REVISÃO

Visualitá® Gestão em Design Estratégico

DIAGRAMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Szabo, Gabriela

A jornada de Josefa / Gabriela Szabo ; ilustração Nilce Paiva. -- 1. ed. --
Londrina, PR : Editora Kan, 2025.

ISBN 978-65-86198-58-4

1. Ficção brasileira 2. Mulheres - Vítimas de violência 3. Violência contra as
mulheres I. Paiva, Nilce. II. Título.

25-280053

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Rua José Giraldi, 115
Londrina – PR – CEP 86038-530
Telefone (43) 3334-3299
editorakan@gmail.com



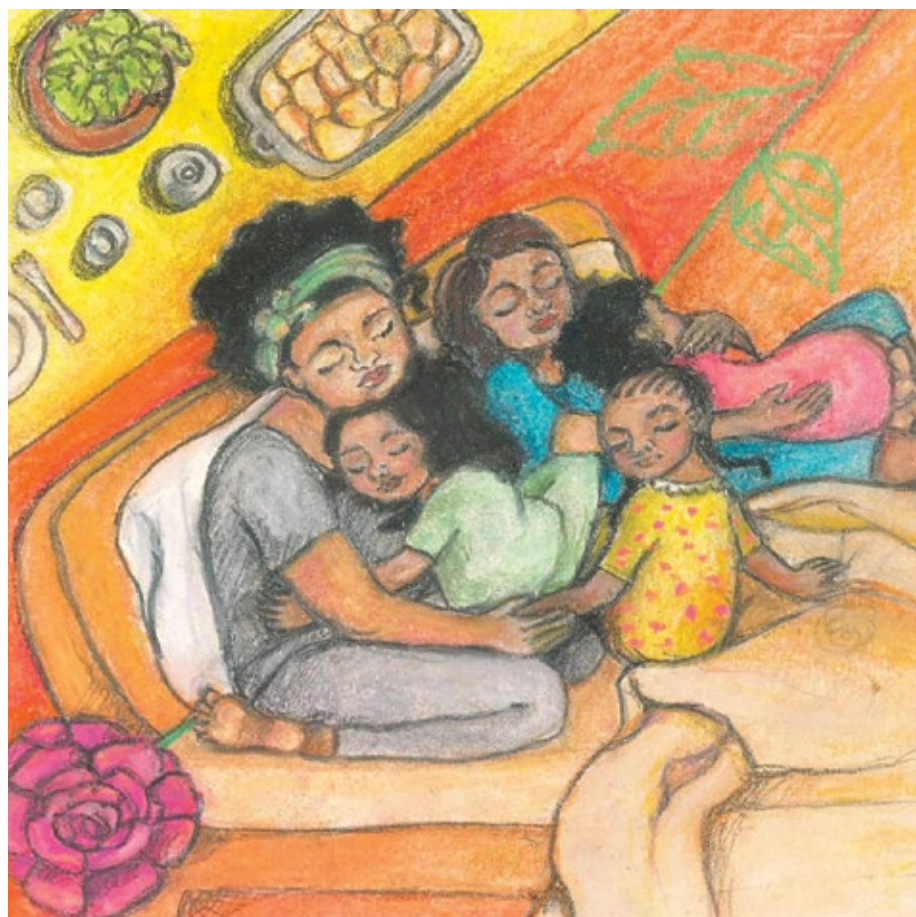


Josefa lixava algumas roupas do marido; outras, que já tinham sido lixadas na semana passada, ela rasgava, queria dar a impressão de que, primeiro, a roupa se desgastou pelo uso e depois, se rasgou. Ela tinha que terminar tudo antes que Ramiro chegasse. Ele era motorista de entregas, passava o dia e o começo da noite fora de casa. Era para chegar às dezenove horas, mas na mesma quadra em que morava tinha um bar, que atraía como que por encanto uma dezena de maridos que passavam por ali antes de chegarem às suas casas. Nesse bar, Ramiro gastava metade do salário que recebia e dissolia toda paciência que lhe restava depois das inúmeras manobras e dos congestionamentos que compunham seu dia de trabalho.



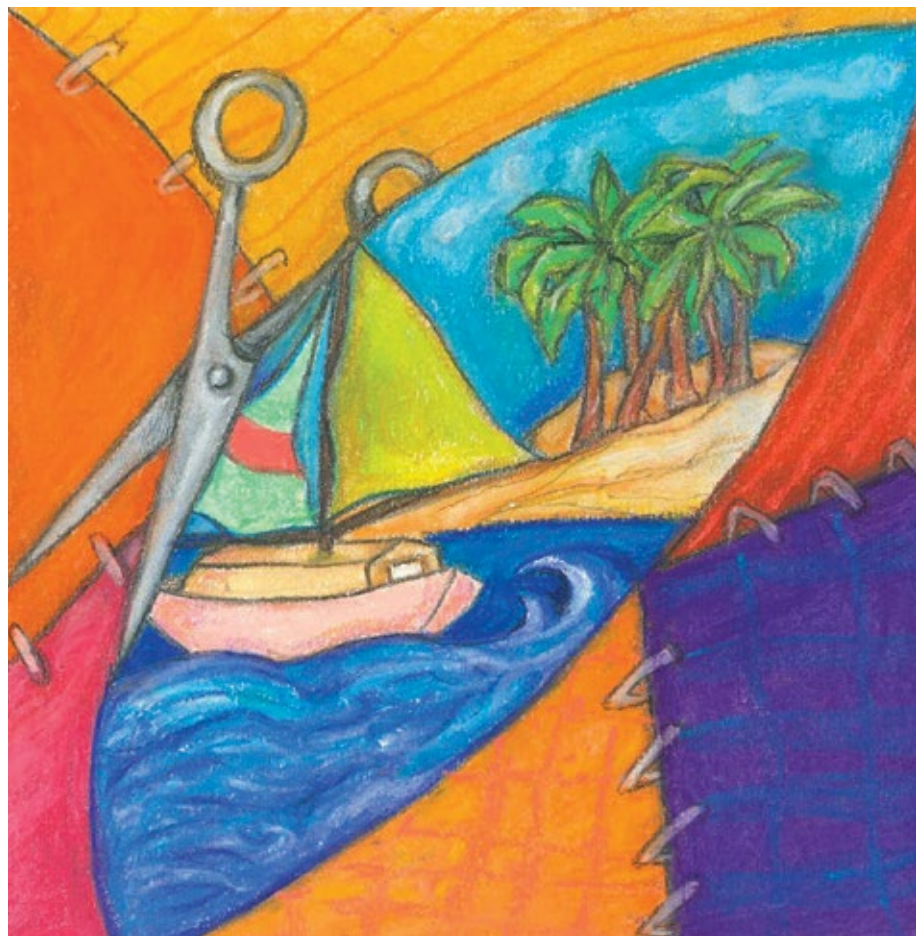


Ao entrar em casa, Ramiro, primeiro, sentia o cheiro de alvejante misturado ao da cera passada no assoalho de madeira. Depois, encontrava o jantar quente sobre a mesa. As quatro filhas fingiam que estavam dormindo, elas foram incumbidas pela mãe de ficarem atentas para perceber se a violência do pai, depois do jantar, não era excessiva a ponto de não ter mais volta, mas as filhas sempre tentavam convencê-la de que já não havia mais volta para nada daquilo há muito tempo.



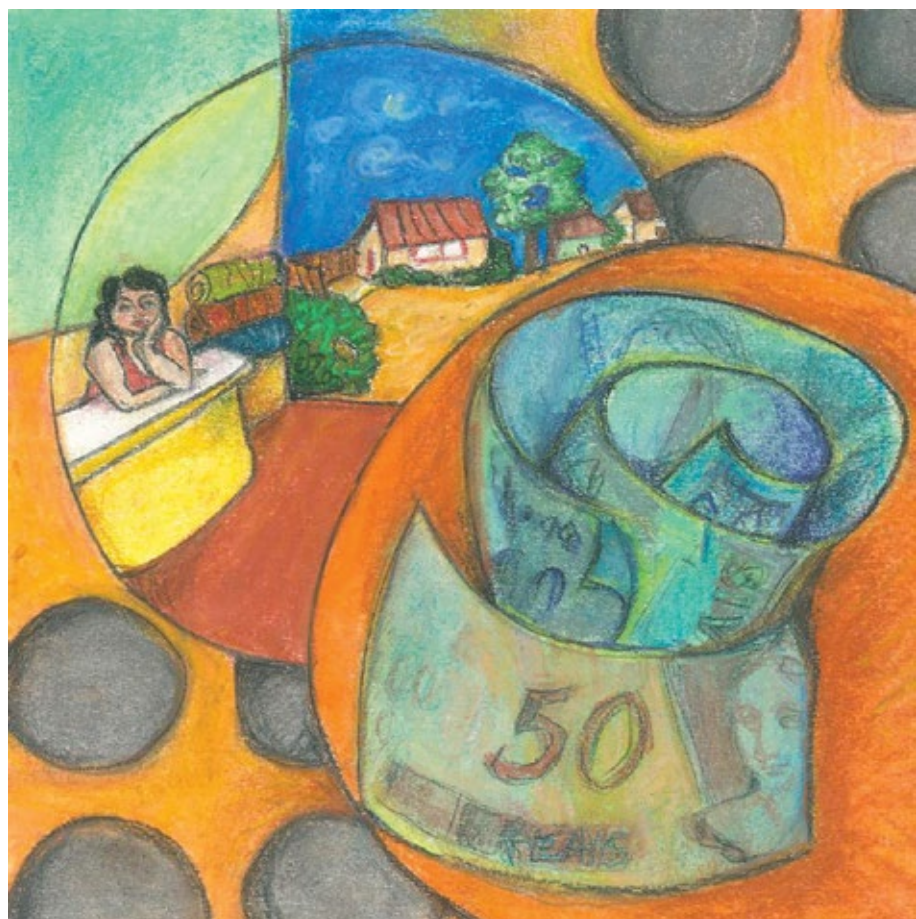


Todas as tardes, enquanto as filhas estavam na escola e o marido no trabalho, ela recolhia as roupas que Ramiro tinha jogado no lixo da cozinha e cortava com cuidado os pedacinhos de pano. Os retalhos iriam compor os painéis que costurava, era uma técnica chamada patchwork, por meio da qual a artesã usa tecidos em vez de tinta para criar suas artes.





Ela entregava o trabalho para uma vizinha vender na sua loja de armarinho e todos os meses ia buscar seu dinheiro, que escondia dentro de um dos buracos dos tijolos da sua casa. Josefa dizia para si mesma que, quando completasse cinquenta buracos de tijolos, pegava suas filhas e ia embora.



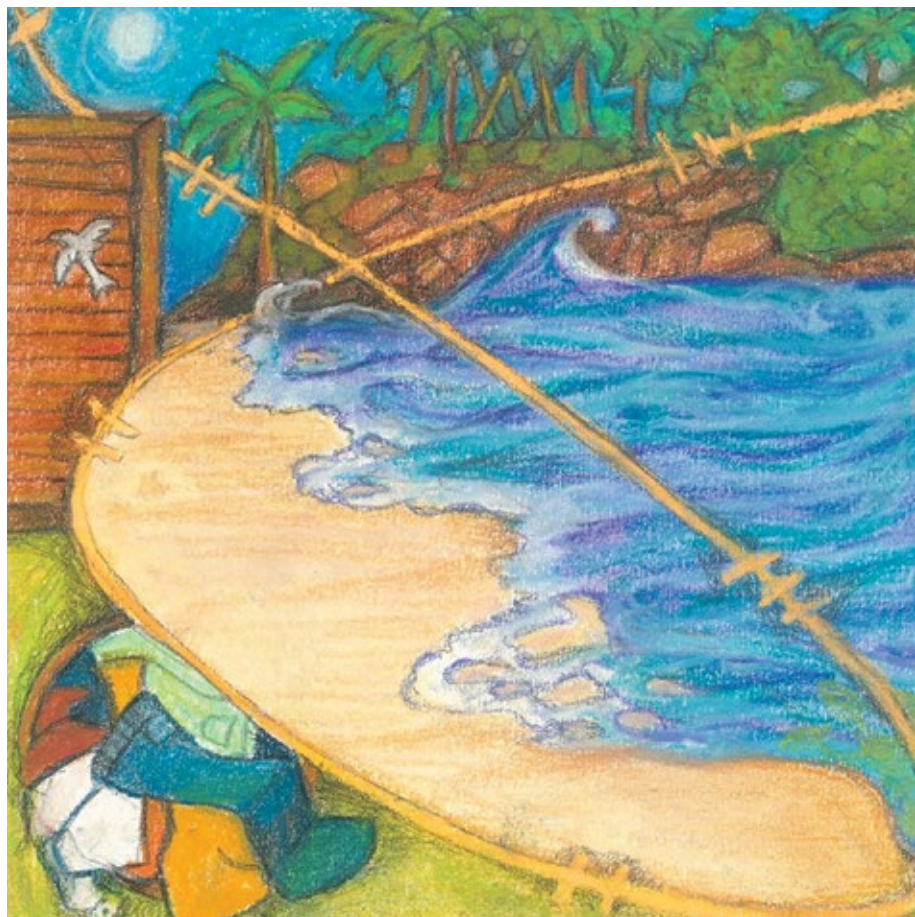


Assim passava suas tardes, a desgastar e rasgar as roupas do marido. Ela era muito perspicaz nessa tarefa, procurava lixar a roupa em lugares que pareciam ser os pontos de maior atrito, como o do cinto de segurança do caminhão ou o da perna esquerda, que raspava no banco ao pisar na embreagem a cada troca de marcha.





As paisagens que ela compunha eram sempre cenas do mar, não somente porque moravam numa cidade do interior, a centenas de quilômetros do litoral, e essas cenas agradavam os compradores e para ela simbolizavam a liberdade, mas também porque o marido sempre repetia os tons de roupas que comprava. As águas do mar eram feitas com os diferentes tons das calças jeans; as espumas, com as camisas brancas; e o marrom do barco, que singrava o mar violento, era feito com as blusas que usava nos dias frios.



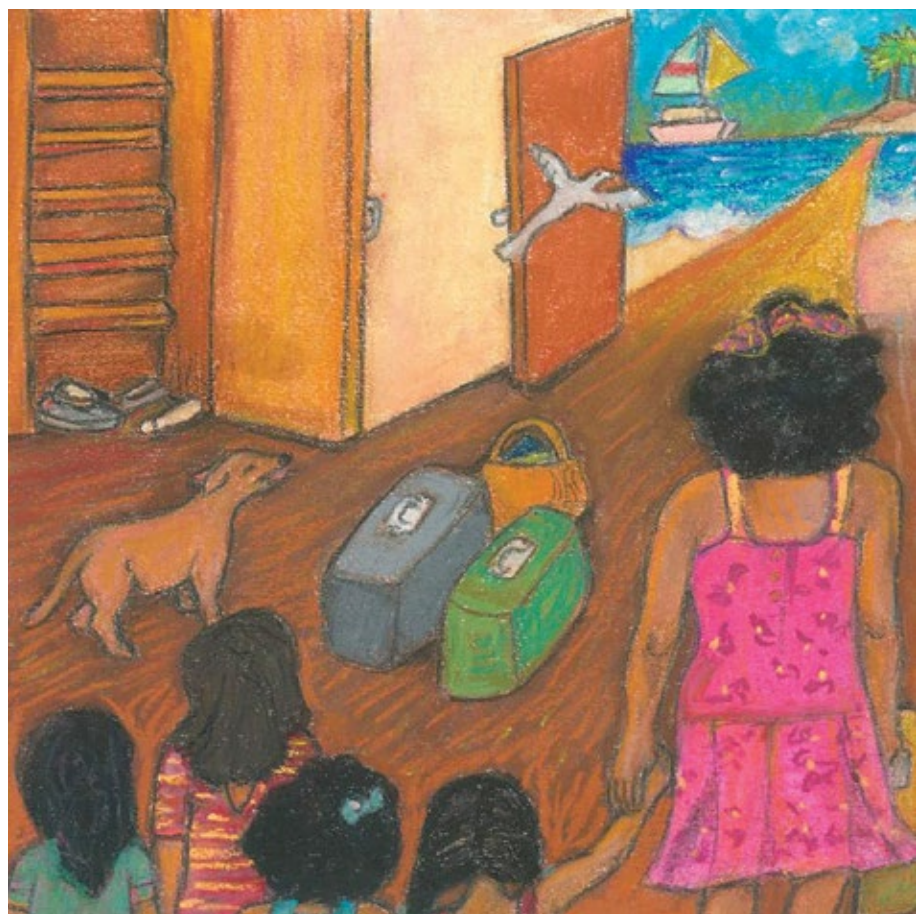


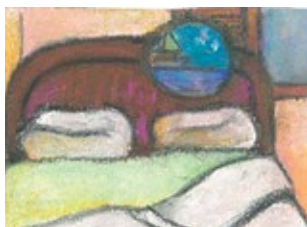
Um dia, o marido viu um dos painéis e acusou Josefa de mau gosto por fazer aquilo com trapo que estava no lixo. Tempos depois, Ramiro se deparou com outros painéis, mas não percebeu que o barco se movia, que a cada painel ele completava um pouquinho mais de sua jornada. Pensava que era sempre o mesmo e, além de insistir no mau gosto da esposa, dizia que ela era lerda, pois não terminava aquela costura.





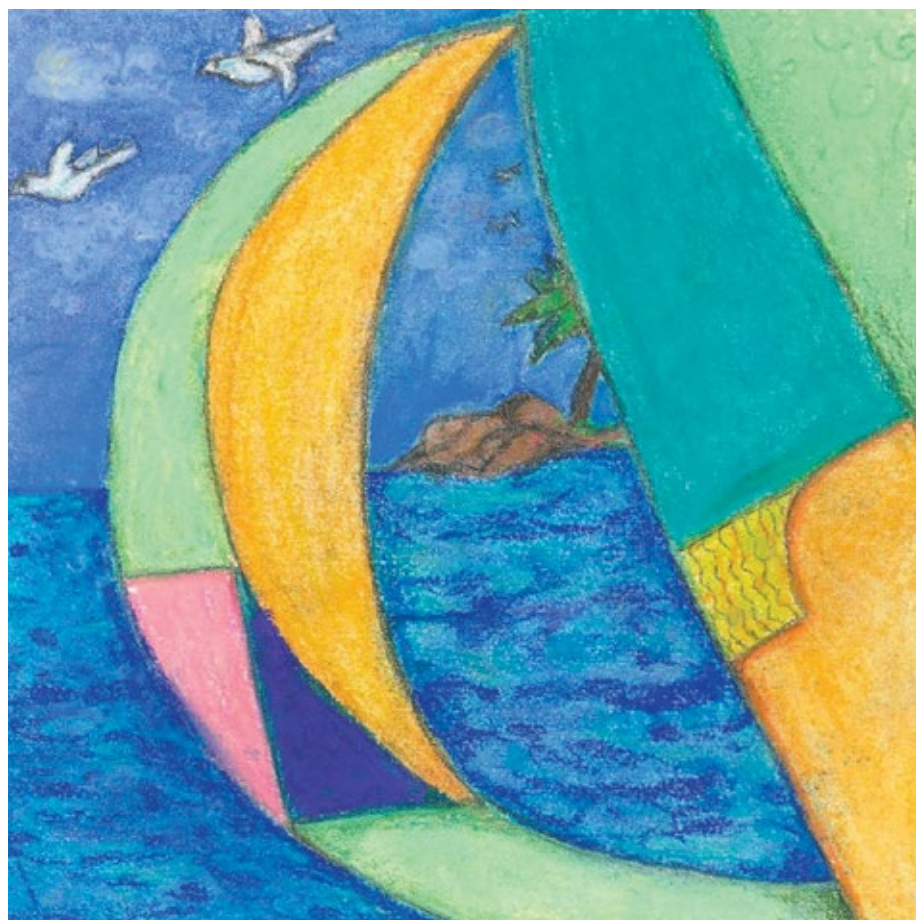
Foi num dia muito frio que Josefa completou os cinquenta furos de tijolos. Foi também o dia em que não sobrou nenhuma roupa do marido no armário. Ela e as filhas acordaram e caminharam nas pontas dos pés, pegaram as malas, que já estavam prontas embaixo das camas, e partiram. Ramiro acordou com o barulho de ar dos freios do ônibus que parou em frente à casa e com os latidos de cachorro, que na madrugada sempre parecem mais altos. Viu que Josefa não estava mais ao seu lado, nem as filhas no quarto. Pensou em correr atrás das fugitivas, mas percebeu que não era mais dono de nenhuma roupa, nem mesmo da que tivera no próprio corpo.





Posfácio

Josefa tem a pele negra, cabelos escuros e morava numa casa de paredes sem reboco, mas ela poderia ser loira, poderia ser ruiva, em uma casa com muitos quartos, de paredes pau a pique ou madeira, a violência doméstica acomete mulheres de todas as cores e classes sociais. É fundamental que ninguém espere até chegar a um ponto em que a violência seja tão extrema que não tenha mais volta. Denuncie.



SINOPSE

“A Jornada de Josefa” narra a história de uma mulher que enfrenta as humilhações e os horrores da violência doméstica, mas consegue sobreviver e se manter viva diante de um contexto perverso e patriarcal. Uma história delicada e contundente que retrata a vida de muitas Josefas brasileiras.

O AUTOR

Gabriela Szabo é escritora, ilustradora e professora. Graduada em Letras (PUC-PR) é doutora em Estudos Literários (UFPR). Publicou “Dando Nó em Pingo D’água”.

Nilce Paiva é artista visual, trabalha com mosaicos, desenhos e aquarelas. Entre seus principais projetos destaca-se a série Exonyms. Participou de exposições no Reino Unido e no Brasil.

ISBN: 978-65-86198-58-4

CD



9 786586 198584

